

# O PERFEITO COZINHEIRO DAS ALMAS DESTE MUNDO: LITERATURA E EXPERIMENTALISMO

VALDEMAR VALENTE JUNIOR\*

**RESUMO:** Este artigo tem como proposta o aprofundamento acerca de questões que envolvem o Modernismo na obra *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, espécie de puzzle composto a várias mãos em um livro-caixa que dá conta de uma experiência pré-modernista que se desenvolve entre 1918 e 1919 na *garçonnière* de Oswald de Andrade, localizada à Rua Líbero Badaró, no Centro de São Paulo. Na ocasião, o relacionamento de Oswald de Andrade com a jovem Daisy acaba por atrair ao local escritores que se constituiriam em alguns dos nomes mais importantes da Literatura Brasileira, a exemplo de Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida e Menotti de Picchia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Experimentalismo; Escrita modernista; Criação coletiva; Narrativa crítica.

## O PERFEITO COZINHEIRO DAS ALMAS DESTE MUNDO: LITERATURE AND EXPERIMENTALISM

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to develop observations about the work *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, a kind of puzzle composed by several hands in a book that tells of a pre-modernist experience that develops between 1918 and 1919 in the Oswald de Andrade's *garçonnière*, located at Rua Líbero Badaró, in downtown São Paulo. At the time, Oswald de Andrade's relationship with the young Déisi ends up attracting local writers who would be some of the most important names in Brazilian Literature, such as Monteiro Lobato, Guilherme de Almeida and Menotti de Picchia.

**KEYWORDS:** experimentalism; modern writing; collective creation; critical narrative.

\*Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor da Pós Graduação da Universidade Estácio de Sá. E-mail: valdemarvalente@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O clima de euforia que antecede a Semana de Arte Moderna como movimento catalisador de transformações extremas atua no plano de uma produção literária desatrelada da ordem parnasiano-simbolista que ainda dita suas regras, do ponto de vista de uma estética que reduplica modelos arcaicos em processo de obsolescência. Diante disso, a euforia e o estertor da *belle époque* paulistana congrega em seu cortejo de situações o final da Primeira Guerra Mundial como sinal verde ao retorno de um fluxo de relacionamento com a Europa duramente atingida pelos efeitos desse conflito. Disso decorre a urgência do que a expansão industrial e urbanística de São Paulo, em vista do que representou o *superávit* do café, tem a oferecer. Isso corresponde a um tempo em que se faz necessário importar os modelos da cultura de vanguarda em curso como forma de rivalizar com o Rio de Janeiro a supremacia de centro cultural capaz de dar conta de modelos *avant la lettre*. Nesse sentido, São Paulo encontra-se muito mais em sintonia com a expansão vanguardista, na medida em que o investimento oficial nas obras de remodelação do Rio de Janeiro situa-se como cópia do modelo de urbanização posto em prática pelo Barão Haussmann na Paris da segunda metade do século XIX.

Em vista disso, a São Paulo dos anos anteriores à hecatombe modernista acostuma-se com o Futurismo como termo comum aos jovens de retorno da Europa, onde o movimento circula de modo a definir os rumos de uma produção artística em sintonia com a velocidade representada pela industrialização. Disso decorre a expansão dos centros urbanos povoados por automóveis e cinematógrafos, a que se alia a era da aviação e dos submarinos como máquinas de guerra. A esse princípio, norteado pela velocidade das ações, os jovens escritores de São Paulo pretendem aliar a vontade inerente a uma criação artística descolonizada que consiga dar conta do processo de inclusão do país nos rumos de uma modernidade capaz de fazê-lo encontrar seu caminho. Isso corresponde à atualização de seu relógio estético em relação ao fuso-horário do mundo desenvolvido. Assim, a dimensão de um evento que catalise a iniciativa de dotar o país de postulados que confrontem o conservadorismo de Olavo Bilac e Coelho Neto não pode emanar senão de uma cidade onde a força produtiva do século XX encontrou seu espaço efetivo, na condição de portadora desses anseios de transformação.

Em vista disso, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* apresenta-se como modelo de livro-caixa comprado em papelaria em que o haver e o dever consistem nas diferentes formas de seu preenchimento como um *puzzle* para o qual concorrem várias mãos. Essa experiência diz respeito ao relacionamento de Oswald de Andrade com a jovem Daisy, a Miss Cíclone, e seus encontros em uma *garçonnière* na Rua Líbero Badaró, entre 1918 e 1919, culminado na morte da jovem com quem se casa *in extremis*. Por sua vez, o resultado desse infausto amor daria lugar à primeira experiência radical em sentido pleno do que a poesia e a prosa oswaldiana representariam como índice de elevada rebeldia e insubmissão face ao conservadorismo vigente. Assim, essa obra coletiva conta com a colaboração de personalidades como Monteiro Lobato, Menotti del Picchia, Léo Vaz e Guilherme de Almeida, entre alguns dos mais assíduos frequentadores da *garçonnière* a assinarem sob pseudônimo as variadas formas de escrita que consistem em múltiplas colagens e vão de carimbos a charges, grampos de cabelo a recortes de jornais e revistas.

Há que se pensar no que *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* significa como

prelúdio de uma atividade literária que teria em Oswald de Andrade seu maior articulador. Do mesmo modo, a reunião em torno da figura de Daisy, motivada pela atração por ela despertada nos frequentadores da *garçonnière*, enseja a formação de um núcleo a articular o que em seguida daria lugar ao Modernismo. Diante disso, um ciclo se fecha, em vista da representação de um projeto que, ainda que por vias transversais, enfatiza o desejo de transformação decorrente da inconformidade desses jovens escritores com os descaminhos da criação literária no país. Nesse contexto, a *garçonnière* configura uma espécie de ideário moderno, a exemplo do que Daisy representa, na condição de mulher independente, o que destoa por completo do modelo patriarcal em vigor. Sua morte prematura, no entanto, deixa um enorme vazio entre os que nela enxergam um modelo de sedução e comportamento transgressor a que corresponde a confecção múltipla de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* como texto final, réquiem de um tempo de profundas mudanças na sociedade brasileira.

Desse modo, há que refletir acerca do sentido terminal de uma *belle époque* paulistana que se conflita com as transformações decorrentes da industrialização como termo inerente ao colapso representado pela Primeira Guerra Mundial, o que parece embaralhar vários elementos, no tocante à deliberação do Modernismo. Para tanto, concorrem as transformações que afetam não somente a paisagem de São Paulo, em vista dos viadutos e arranha-céus que se fazem representar como símbolos, mas do mesmo modo a crescente inquietação social que agencia mudanças no âmbito da criação literária. Por sua vez, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* situa-se em um plano que se mostra ainda fronteiro, no que se refere à *belle époque* como registro do que na obra de Oswald de Andrade pode ser verificado em *Os condenados* como estertor de um tempo de euforia e angústia. Em vista disso, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* (1987) pode concorrer como ensaio do que posteriormente Oswald de Andrade definiria como linha divisória entre a poesia e a ficção, podendo efetivar-se em vários outros âmbitos, onde se incluem o diário como expressão fragmentada de um projeto que começa a ser esboçado em sua versão definitiva.

Por esse caminho, o que pode ter como significado da vitória de um projeto sobre outro, querendo ser isso o apogeu do Modernismo e a agonia da *belle époque*, não deixa de ser importante como observação acerca de dois momentos cruciais que definirão o lugar de Oswald de Andrade, bem como de parte dos escritores que frequentam a *garçonnière*. Desse modo, há que se pensar acerca de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* como relato que se antecipa à intenção modernista de desconstrução de um modelo que parece consolidado e contra o qual se impõem as formas possíveis de uma transgressão que vai ao limite extremo. Assim, esse *puzzle* destituído de autoria definida situa-se como um marco de irreverência que tende a ocupar um lugar específico e um plano de relevância na história da cultura brasileira. A possibilidade de ampliação do contexto crítico que aí se faz presente busca destituir a velha ordem, consignando a posição definida de um movimento que toma para si a responsabilidade de conferir ao texto literário uma consistência estética em oposição às forças conservadoras que insistem em ocupar espaços definitivos.

## A BELLE ÉPOQUE E O MODERNISMO

A distinção entre territórios em vista da participação de Oswald de Andrade na cena cultural, a partir de seu retorno da Europa, em 1912, parece definir um campo onde sua presença estabelece relações com outros agentes de cultura, os quais, com o tempo, irá refutar ou acolher. Desse modo, parece existir uma linha limítrofe que, ao tempo em que confunde as diferentes perspectivas que representam o arcaico e o moderno, também separa a *belle époque* decorativa da industrialização de uma cidade que assume a responsabilidade de postar-se como polo da vanguarda cultural brasileira. A isso, Maria Augusta Fonseca acrescenta: “Oswald de Andrade tem um importante papel nessa empreitada”. (2008, p. 95-96). Nesse espaço contíguo entre dois termos, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* situa-se como traço de união entre o caráter alegórico de uma *belle époque* tardia e o anúncio do que representa o Modernismo. Na condição de movimento de sentido demolidor, o desinteresse pela produção literária anterior à Semana de Arte Moderna funciona como termo capaz de catalisar as forças criadoras mais significativas desse período em torno de um projeto de sentido duradouro.

Diante disso, não apenas deve ser considerada a materialidade de uma obra composta por vários elementos, mas, do mesmo modo, a referência do que representou a *garçonnière* da Rua Líbero Badaró como ponto de encontro de onde emanaram as sucessivas discussões em torno da execução de medidas. Esses encontros levariam à legitimação de um movimento de alta voltagem no contexto de um país de estrutura social arcaica que reproduz esse sentido nos exemplos de uma produção literária atrasada em relação às manifestações das vanguardas europeias. Por esse meio, há que se refletir acerca de demandas sociais que descumprem de modo absoluto o sentido alegórico de uma cultura de superfície, na ocasião em que os rapazes de palheta e bigodes retorcidos a ferro quente podem ser considerados como uma antítese de Daisy, a pós-adolescente de origem pobre que se torna não apenas amante da figura exponencial do Modernismo, mas também um ponto de atração dos escritores por ela seduzidos. Nesse aspecto, a morte prematura faz dela a musa trágica de um acontecimento que entra para a história literária pela porta dos fundos, uma vez que de seu desaparecimento nasce o livro que funciona como ponto de partida do movimento modernista.

Assim, a reunião em torno de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* tem como resultado a primeira manifestação em que seus integrantes irão, em sua maioria, participar da Semana de Arte Moderna, alguns anos mais tarde. A isso deve-se uma espécie de euforia que transcende o que de fato venha a representar o Futurismo, que evidentemente foge ao conceito específico do que isso possa significar como movimento de vanguarda. Na verdade, mais que tudo isso, o movimento que tem efeito entre os jovens escritores de São Paulo tende muito mais a encarar o descompasso referente à condição brasileira de reproduzir sem crítica modelos importados. Nesse sentido, Cecília de Lara observa que “para cada figura que sobressaiu, muitas outras ficaram nos bastidores, mas tiveram papel decisivo no debate de ideias, na abertura de caminhos” (1997, p. 14). Assim, mais que propriamente uma manifestação futurista, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* decorre da necessidade de negação do que até aquele momento se impunha como regra, capacitando os jovens escritores ao exercício da crítica como matéria obrigatória de um aprendizado que se faz presente para muito além do movimento que

busca situar-se no contexto pré-modernista. De todo modo, o Modernismo prenuncia nessa obra o que seria a posição da maioria de seus membros, e sobretudo a de Oswald de Andrade, na condição de quem exerce de modo pleno sua capacidade crítica como poeta e ficcionista.

O conceito de Modernismo diz respeito à fundamentação teórica de um movimento que acaba por ter em seus quadros adesões de última hora. Isso deve-se ao fato de que certos escritores não têm condições, tampouco ânimo para se igualarem ao espírito transformador de Oswald de Andrade como ponta-de-lança de um movimento que dele emana. Sua participação reitera a posição de quem retorna da Europa embebido do sentimento presente na pintura de Pablo Picasso, na música de Erik Satie e na poesia de Guillaume Apollinaire. Desse modo, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, antes de representar um poema-brinquedo, um diário-colagem ou mesmo um romance-tragédia, assume o lugar de obra que com o passar do tempo aponta para a divisão que se impõe entre a euforia e a depressão que marcam o final da Primeira Guerra Mundial como estertor de um tempo de mudanças. Do mesmo modo, há que se pensar acerca das revoltas da classe operária, o que de algum modo concorre para a eclosão do movimento modernista, situando-se em São Paulo o quartel general onde se centraliza a atividade cultural de vanguarda do país.

Assim, a obra inovadora incorpora uma perspectiva futura, a partir do que o Modernismo passa a representar, confere a *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* um lugar inusitado. Assim, seu ineditismo antecipa-se no tempo como documento que se opõe às marcas de uma literalidade que tem como expoentes Rui Barbosa e Clóvis Beviláqua, revisores do Código Civil e personalidades infladas de uma vaidade que os faz se sentirem proprietários da língua e da cultura. Na contramão de um sistema fincado em elementos de reduplicação de modelos, o lugar inerente às tentativas de transformação desse quadro corresponde à diluição que se efetiva como forma de persuasão que passa a alimentar o desejo de uma série de escritores. Assim, a postura assumida nesse instante, ainda que com o tempo se verifiquem várias dissensões e mudanças de rumo, não deixa de representar uma busca pelo novo, em vista do colapso iminente que parece agravar-se a limites inimagináveis, no que tange ao conservadorismo da literatura em geral. Isso corresponde ao que Antonio Candido chamou de “normalização, generalização do Modernismo”. (2006, p. 223). Por esse meio, o poema em forma de quebra-cabeça concorre para contrariar as perspectivas retrogradadas, na contramão da poesia moderna.

A configuração crítica do Modernismo como um movimento que finca sua base de pensamento na necessidade de uma mudança radical tem precedentes na tentativa de Oswald de Andrade em estabelecer relações variadas no período que antecede a Semana de Arte Moderna. Diante disso, a peregrinação em visita aos corifeus do Parnasianismo, mesmo em vão, estabelece as condições do movimento que está por vir, abrindo espaços significativos à nova situação. A esse processo de renovação acrescenta-se a edição do jornal *O Pirralho*, em cuja publicação pontifica o talento diluidor de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, o Juó Bananére, logo a seguir rejeitado pelos modernistas. Por sua vez, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, ao colocar os variados ingredientes da cultura brasileira na mesma panela, concorre para descharacterizar a suposta seriedade que leva a criação literária a cada vez mais afastar-se de seus propósitos.

## ENSAIO SOBRE A CRISE

A elaboração de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* parcialmente esvazia o sentido de autoria de um diário que aponta para a crise que se instaura diante do colapso gerado pelo Parnasianismo como tendência que já não apresenta qualquer alternativa à criação. Desse modo, o que parece resultar de um brinquedo entre jovens passa a significar uma posição definida, no que tange às formas literárias destituídas do tom de seriedade em vista do sentido de desconstrução de que o Modernismo se nutre para confrontar a tradição. Assim, a elaboração *sui generis* de um texto que inviabiliza a impostação de um discurso apenas alegórico destitui as pretensões da criação literária como sinônimo de um pensamento edificante que predomina como uma extensão do discurso oficial na Primeira República. Por conta disso, Mário da Silva Brito destaca em Oswald de Andrade “o gosto pelo trocadilho provindo de Emílio de Menezes, o amor pelas situações insólitas e imprevistas com tom de sátira e humor”. (1992, p. 11). Nesse sentido, não apenas a experiência contida em *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* como parte expressiva do que seria perpetrado pelo Modernismo confronta o que o Parnasianismo representa.

A dimensão crítica do que se impõe como via de oposição à tradição parte para o confronto direto a partir da destituição completa do sentido estético do Parnasianismo como redução que atinge o seu limite, chegando ao esgotamento absoluto. Em vista disso, o desmascaramento do que representam suas propostas tende a levá-lo a um abismo diante do qual não há escapatória. A experiência radical de uma obra que destitui o sentido redentor da literatura tem em seu tom de *ready-made* elementos que se agregam a outras expressões, a exemplo do cartoon e da charge, bem como às formas de improvisado que atomizam a impostação beletrista que ainda vigora como tábula rasa. O lugar a que corresponde *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* atende à urgência da diluição estética como um projeto que ganha fôlego suficiente e o induz a um caminho sem volta. Nesse sentido, a experiência perpetrada pelos frequentadores da *garçonnière* de Oswald de Andrade não tem como ficar de fora do que se constitui como matéria prima de que o Modernismo irá dispor.

De fato, a elaboração desse livro-surpresa subentende a detecção de uma crise de proporções inimagináveis que coloca em xeque a criação poética e narrativa como ponto crucial de um confronto que situa em lados opostos tradição e modernidade. Diante disso, o aspecto alegórico do Parnasianismo tem como contraposição a postura irreverente decorrente de um processo criativo que traz à luz a fragmentação do que supostamente se apresenta como realidade. No entanto, a isso corresponde um discurso decorativo e destituído de elementos de teor crítico e contestatório do *status quo* de que os conservadores se servem. Por essa via, a configuração crítica de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* destitui o significado da criação como verdade absoluta, contextualizando o sentido da escrita literária em processo de precarização. A partir de uma experiência que coloca no mesmo plano uma série de propostas, essa escrita acaba por impor uma nova medida. Haroldo de Campos destaca em *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* o que chama de “novidade da estrutura-aleatória e da forma *ready-made*, de livro-objeto” (1992, p. 22). Extinta a condição de obra inserida no cânone brasileiro,

*O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* concorre para que se tenha uma dimensão radical acerca do problema que aborda.

O conflito que se estabelece com o prolongamento do Parnasianismo coincide com a reiteração de um modelo político que encontra nesse estilo uma referência essencial à sua continuidade. Por sua vez, seu esgotamento enseja a insatisfação dos modernistas, constituindo-se no que tenderia a reiterar a mesma insatisfação com o sistema político, em vista da dominação de grupos regionais. Assim, a expectativa em torno do Modernismo, mesmo em face de suas contradições, agencia um processo irreversível de modificação do contexto dominante. O aspecto original do que aborda faz de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* um exemplo único. Nesse aspecto, não há como negar a iniciativa que por vezes se mostra instintiva, quase involuntária, no sentido de dotar a escrita literária de outros mecanismos de atuação. A drástica alteração do que até então representa um jogo com regras definidas parece configurar a incredulidade dos que supunham desfrutar de um lugar cativo no *metiér* das letras.

A atitude que se deflagra a partir de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* coincide com o agravamento da discussão que alia os movimentos de vanguarda aos últimos episódios do conflito mundial como motivo para que se efetive a redefinição de um pensamento estético que não tem mais como conviver com as formas reduplicadas de um estilo conservador. Desse modo, a precariedade do livro-surpresa reitera o momento de crise, ao tempo em que também contribui como uma estética que se aproveita dos materiais de que dispõe para impor sua forma de inscrição em face da desordem que busca destacar em sua configuração. Por conta disso, parece um engano creditar a *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* a condição de um mero passatempo de diletantes em torno da literatura. Em vista do que representa essa afirmação, Mário da Silva Brito afirma que no caderno “há de tudo: pensamentos, trocadilhos (inúmeros), reflexões, paradoxos, pilhérias com os *habitués* do retiro, alusões à marcha da guerra, a fatos recentes da cidade, a autores, livros e leituras, às músicas ouvidas”. (1992, p. 7). A rigor, a consequência trágica do encontro que enseja essa obra configura-se como o lado oposto da criação dos escritores desse tempo, concorrendo como experiência original e iniciativa das mais significativas no âmbito das expectativas que antecedem a Semana de Arte Moderna.

Diante do que se apresenta como termo agravador da condição de um texto apenas recentemente publicado, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* cumpre o papel de obra para a qual o tempo se torna um aliado, uma vez que a essa espera corresponde sua validade como termo que se integra o Modernismo. Daí haver um avanço, no que se refere à significação dessa obra, resultando disso o valor inestimável que lhe cabe, uma vez que seu caráter pioneiro lhe confere uma condição singular. Assim, da *belle époque* à configuração da arte moderna como instância irreversível decorre uma distância, parecendo também estreitar-se o limite do que se faz imprescindível à formulação de um pensamento que se reflete nas propostas modernistas. A efetivação da arte moderna, a partir de postulados oriundos dos movimentos da vanguarda europeia, tem como orientação a realidade local a que *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* recorre como elemento que fundamenta seu sentido de modo essencial.

## ENTRE A FICÇÃO E A POESIA

A experiência que se consuma em *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* abre a possibilidade da discussão acerca de um tema extremamente relevante para o Modernismo em sua configuração de movimento que busca romper com as posições estanques no tocante à divisão dos gêneros. Há que se pensar acerca de que o próprio Oswald de Andrade não tem consigo a clareza devida no que diz respeito à distinção exata do que seja ficção ou poesia, haja vista a mescla entre esses dois gêneros que se verifica em *Pau Brasil* ou em *Memórias sentimentais de João Miramar*, cuja prosa poética se faz presente de modo visível. A isso podemos acrescentar uma observação de sua lavra: “Gosto de propor os meus pontos de vista, ensinar o que sei, ainda que errado, e intervir mesmo no que não sei”. (1990, p. 53). Assim, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* reitera a desconstrução do que para os poetas da tradição parnasiana se constitui em verdadeira profissão de fé, como afirma Olavo Bilac em um de seus mais emblemáticos poemas, espécie de plataforma do movimento em torno da arte pela arte reforçada pela perfeição formal como regra de ouro. Em vista disso, a atitude encabeçada por Oswald de Andrade, ao fomentar a concepção de seu livro-surpresa, concorre para que a dissolução representada nessa obra confunda os termos de uma ficção que, entre outras personagens, abre espaço ao protagonismo de Daisy em sua condição terminal.

Por esse meio, a poesia comparece de diferentes modos na concepção de um discurso que rompe com os paradigmas inerentes à superioridade desse gênero, na ocasião em que Oswald de Andrade compõe versos utilizando-se de carimbos. Essa radicalidade atende à demanda de afirmação de uma escrita que não tem como retroagir, haja vista o caminho que vai de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* à Semana de Arte Moderna como marco de irreverência inovadora. O alvo dos modernistas consiste em críticas a Coelho Neto, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho como representações de uma espécie de monopólio da literatura. Por sua vez, a dissolução da linha divisória que separa a ficção da poesia, fundindo esses dois gêneros, estabelece um rompimento com essa hierarquia. Assim, a algazarra dos jovens rebeldes em torno da *garçonnière* de Oswald de Andrade resulta na experiência mais radical que se configura no período de gestação do Modernismo como expressão de mudanças significativas.

A discussão que se estende no tempo que sucede a Semana de Arte Moderna arregimenta modernistas e parnasianos em trincheiras opostas. A isso corresponde a reação desses últimos, no sentido de afirmarem seus valores em torno do que acreditam representar o fim da poesia e dos postulados estéticos que defendem. Daí a configuração aparentemente ilógica de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* contrariar o desejo de que a criação poética conservadora possa ter prosseguimento como manifestação restrita a um grupo de força que toma para si o direito de escrever poesia. A isso, Tereza Virgínia de Almeida acrescenta uma suposta despretensão no que se refere ao valor desse documento: “Ao se perguntar qual a função social daquele diário coletivo à época de sua produção, a resposta pode ser bastante simples: um despretensioso meio de comunicação entre amigos no reduzido contexto de uma *garçonnière*. (1998, p. 80). Nesse sentido, a configuração libertária de um texto que decorre da participação de vários agentes serve para que seja desestabilizada a ordem vigente, que se mantinha partir de modelos que não acrescentam nenhuma nova concepção ao que se mostra anacrônico. Diante

disso, essa proposição implícita no estreitamento da relação entre os gêneros, ou ainda, na mescla de várias possibilidades textuais, concorre para que se efetive uma drástica violação do que para o Parnasianismo representa sua própria sobrevivência ao longo do tempo.

A distinção entre as formas da arte pura e impura corresponde à intromissão do que o Modernismo significa, no sentido da desvinculação do objeto artístico como marca de uma perfeição formal que não tem como limitar-se à realidade de um país de enormes contrastes sociais. Diante disso, o aspecto original da arte moderna decorre do rompimento com formas consolidadas, confrontando o estatuto que formaliza a escrita como sinônimo de perfeição. Assim, *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* destitui todo o significado de que se serve o Parnasianismo em sua retórica edificante. Além disso, instaura uma ordem de pensamento que se alia à demanda de um mundo em acelerado processo de industrialização. O texto em forma de puzzle situa-se como uma manifestação inerente a uma dinâmica fragmentária, a partir da proposição de uma narrativa cubista com que Oswald de Andrade entra em contato em sua primeira viagem à Europa.

A construção de uma narrativa que tem como epílogo a morte de quem pontifica como ponto de atração dos que na *garçonnière* se encantam com sua presença obedece a uma sequência de fatos que são retratados de modo a multiplicar o sentido inerente às situações que se apresentam como temas. Assim, a multiplicidade de propostas presentes nesse texto concorre como necessidade que atende à demanda por novas expressões da escrita. A dinâmica que se instaura como parte do processo de elaboração estética de *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* corresponde à indefinição referente a um valor que se encerra em si mesmo, quando, em verdade, sua elaboração, do ponto de vista sequencial, oferece as condições à plena atuação a uma estética da desconstrução, colocando em descrédito a seriedade retórica da escrita parnasiana. A isso, Roberto Schwarz destaca na obra de Oswald de Andrade sua “preferência vanguardista e antissentimental pela presença pura, em detrimento da profundidade temporal e demais relações” (1987, p. 24). Emparedados ao limite do que contraria suas pretensões, os parnasianos são destituídos de um lugar de prestígio que lhes parecia intocável, a partir do instante em que as propostas modernistas passam a ter efeito.

A consequência referente ao lugar incômodo a ser ocupado por *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* atende a um índice de irresolução que se impõe como a própria razão de ser do que essa obra propugna. Assim, o diário mostra-se destituído de qualquer sentimento edificante, na medida do que a ele não se alia nenhuma pretensão de pontificar como estátua no panteão glorioso do que quer que seja. A isso acrescenta-se a descaracterização de uma escrita que se resume às anotações em um livro-caixa onde são computados os créditos e os débitos. Por esse meio, os créditos de que essa obra se faz merecedora multiplicam-se, em vista dos possíveis débitos que a ela possam vir a ser cobrados, na medida da radicalidade que assume como portadora do princípio que norteia a presença da literatura de vanguarda no país. A dinâmica de que *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo* se serve desritualiza a concepção da literatura em seu sentido ordenado, decorrendo dessa posição uma abertura em sequência cujos fatores estéticos se fazem representar como orientação vigente, significando uma tomada de atitude diante da qual não haverá retorno.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tereza Virgínia de. *A ausência lilás da Semana de Arte Moderna: o olhar pós-moderno*. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1998, p. 80.
- ALMEIDA, Tereza Virgínia de. *Os dentes do dragão*. Rio de Janeiro: Globo, 1990.
- BRITO, Mário da Silva. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*. In: ANDRADE, Oswald de. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*. São Paulo, Globo, 1992, p. 12.
- BRITO, Mário da Silva. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*. In: ANDRADE, Oswald de. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*. São Paulo, Globo, 1992, p. 11.
- CAMPOS, Haroldo de. Réquiem para Miss Cyclone, musa dialógica da pré-história textual oswaldiana. In: ANDRADE, Oswald de. *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo*. São Paulo, Globo, 1992, p. 22.
- CANDIDO, Antonio. A Revolução de 30 e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Ouro Sobre Azul, 2006, p. 223.
- FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: biografia*. São Paulo, Globo, 2008.
- LARA, Cecília de. Introdução. In: *Pressão afetiva e aquecimento intelectual: cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto*. São Paulo, Giordano Lemos, Educ, 1997, p. 14.
- SCHWARZ, Roberto. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In: *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 11-28.

RECEBIDO EM 29/04/2020 | ACEITO EM 22/05/2020